

Por onde andam os velhos nos grandes centros urbanos brasileiros?

*Maria Rita Rayel de Araújo
Ruth Gelehrter da Costa Lopes*

Entrou na sala de espera e repetiu interiormente, com voz trêmula, que dali a três semanas festejaria ao mesmo tempo o nascimento tão distante e a morte tão próxima; que celebraria uma festa dupla.

Assim que viu o rosto sorridente do médico, compreendeu que a morte tinha se desconvidado. O médico apertou-lhe fraternalmente a mão. Com lágrimas nos olhos, D'Ardelo não pôde pronunciar uma só palavra.

O consultório do médico ficava na Avenida do Observatório, a cerca de duzentos metros do Jardim de Luxemburgo. Como D'Ardelo morava numa pequena rua do outro lado do parque, ele o atravessou novamente. O passeio pelo verde tornou o de um bom humor quase incontrolável, sobretudo quando ele deu a volta no grande círculo formado pelas estátuas das antigas rainhas da França, todas esculpidas em mármore branco, de pé, em poses solenes que lhe pareceram engraçadas, quase alegres, como se aquelas damas também quisessem comemorar a boa notícia que acabara de receber. Não conseguindo se conter, ele as saudou duas ou três vezes com a mão erguida e desatou a rir. (KUNDERA, 2014, p.13-14)

Tive a oportunidade de viajar para a Europa: quinze dias no “velho continente”. Passear por cidades desconhecidas, observar um pouco da história e das pessoas. A época não poderia ser melhor, outono europeu de 2015, fora do período de férias, quando o número de turistas diminui bastante, facilitando acessos e passeios a pontos turísticos que em outras épocas ficam abarrotados de gente e câmeras fotográficas.

Nessas viagens sempre me pergunto o que será que me chamará mais atenção, qual destino, cidade ou mesmo fato poderá deixar uma marca em meus olhos e meus sentidos.

Como mestranda do Programa de Gerontologia da PUC-SP, sensibilizada em relação ao tema, a meus olhos os velhos se destacavam. Observei o grande número de velhos passeando pelo mundo. Velhos em bandos, velhos em

pares, velhos sozinhos, velhos de bengala, de andadores, de cadeiras de rodas.

Enfim, velhos sendo velhos e desfilando sua velhice pelo “velho continente”. Velhos nas filas. Subindo em ônibus, descendo de ônibus, sentados em praças, tomando café. Velha alongando no parque. Velho sozinho de cadeira de roda passeando nos jardins de Sissi a Imperatriz (Viena). Velhos japoneses, franceses, belgas, alemães, coreanos, italianos. Velhos com celulares e “pau de *selfie*”, *ipads*, *iphones* e smartphones. Pensando melhor, velhos sendo apenas turistas como eu.

Tantos velhos pelas ruas tem uma explicação, “é o resultado da elevação da expectativa de vida, que hoje é de 77 anos, aliado ao baixo índice de natalidade. O número de nascimentos dos países europeus não tem superado o número de mortes” (FREITAS, 2015, s/p).

No Brasil, dados recentes, mostram que essa realidade não é tão distante da nossa.

A população brasileira assim como a da América Latina, vem sofrendo, nas últimas cinco décadas, transições decorrentes de mudanças nos níveis de mortalidade e fecundidade, em ritmos nunca vistos anteriormente. Essas mudanças fizeram com que a população passasse de um regime demográfico de alta natalidade e mortalidade para outro, primeiramente com baixa mortalidade e a seguir, baixa fecundidade. Isso levou a um envelhecimento da população. (LEBRÃO, 2007, p. 8)

Mais do que esbarrar com eles pelas ruas, pude observar a enorme quantidade de velhos trabalhando. Em um palácio na cidade de Potsdam (Alemanha) todos, vou repetir, todos os funcionários tinham mais de sessenta anos, em alguns casos, muitos mais de sessenta anos. Os únicos jovens que cruzei na visita foram os dois rapazes responsáveis pelo *áudio-guide* fornecidos na entrada. Nesse caso em particular posso levantar a hipótese de que numa cidade tão pequena, e fora do período das férias, eles foram a melhor escolha ou talvez a única para ocupar essas vagas. Claramente a cidade tinha poucos jovens e o esquadrão de velhos desempenhava muito bem suas tarefas. Passeando pelo site oficial da cidade pude encontrar essa pérola, que esclarece e corrobora minha hipótese:

A capital do estado Potsdam fica para a vida comunitária caracterizada pela igualdade de oportunidades. A participação igual de pessoas, não importa suas diferenças, em todos os segmentos da sociedade é um objetivo que vale a pena. Mas um compromisso claro de

anti-discriminação e para reduzir os obstáculos também é vital para promover uma comunidade de valores e respeito.¹

Compartilho imagens registradas ao longo do passeio. A certa altura espantou-me o fato dos meus companheiros de viagem não repararem nestes preciosos detalhes.



Ilha Margarida (Budapeste) 07h15min da manhã



Um café qualquer observando o movimento

Até conseguir retirar a máquina fotográfica da bolsa para registrar o alongamento de perna da senhora da foto à esquerda, sobre o banco, ela já tinha passado para outra etapa de sua atividade matutina, isto é, correr. Como ela, encontrei outros tantos idosos se mobilizando nos mais diversos espaços públicos das pequenas cidades visitadas.

Como nas fotos a seguir, de um lado da rua, cinquentões vindo ao nosso encontro... A nossa continuidade. E no palácio, casal de idosos caminhando sossegadamente...

¹ Disponível em: <http://en.potsdam.de/kategorie/equal-opportunity>. Acesso em 26 out 2015.



Amigos esperando para atravessar, assim como eu!



Casal no palácio...

Assim como nessas imagens, vi tantas outras cenas..., experiência que me fez pensar: Por onde andam nossos velhos brasileiros? O artigo 5º da Constituição Federal do país determina:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. IX - É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença; XV - É livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens.

A lei é clara, quase poética, mas a realidade nas nossas ruas se mostra distante e perversa. O que nos falta para vermos mais cenas como essas nas

metrópoles brasileiras? Esse fato me remeteu a outro debate, presente na gerontologia: a visibilidade que a velhice vem adquirindo.

A Gerontologia, como um campo de saber específico, aborda cientificamente múltiplas dimensões que vão desde a Geriatria como especialidade médica, passando pelas iniciativas da psicologia e das ciências sociais voltadas para discussão de formas de bem-estar que acompanham o avanço das idades, até empreendimentos voltados para o cálculo dos custos financeiros que o envelhecimento da população trará para a contabilidade nacional. Como abordagem multidisciplinar, a Gerontologia contribuiu para a constituição do idoso em um problema social e se empenhou na sensibilização da sociedade brasileira para os dramas do envelhecimento. (DEBERT, 1996, p.40)

Sabemos que o envelhecimento ocupa cada vez mais espaço na mídia, assim como as novidades no campo do rejuvenescimento, isso amplia o debate e abre possibilidades a novos mercados de consumo e a necessidade de políticas públicas que abarquem essas questões.

Por onde andam nossos velhos? Faltam ações específicas em políticas públicas? É a falta de acessibilidade de nossas praças, parques e museus? Essas perguntas não podem ser respondidas de maneira direta, para isso teríamos que analisar o contexto histórico da Europa e do Brasil.

O que ficou claro foi que os velhos da Europa comprovam que é imperativo pertencer a um grupo. Tomar posse das ruas com propriedade e autonomia como um sinal claro de pertencimento e é a própria manifestação do sujeito, como diz Tourraine (1999, p.23):

Em um mundo em mudança permanente e incontrolável, o único ponto de apoio é o esforço do indivíduo para transformar experiências vividas em construção de si como ator. A esse esforço do indivíduo para ser um ator é que chamo de sujeito, que não se confunde nem com o conjunto da experiência nem com um princípio superior que guiaria o indivíduo e lhe daria uma vocação. O sujeito não tem outro conteúdo que a produção dele mesmo.

Para tomarem as ruas de nosso país os idosos precisam, primeiramente, se verem como sujeitos de suas vidas, capazes e aptos a fazer valer seus direitos como seres humanos pertencentes a uma comunidade, sabedores de seus direitos e senhores de sua história. Tratar a questão da velhice no Brasil não é tarefa fácil. Dificuldades de acessibilidade, aposentadoria, e a demora nas filas de atendimento dos mais velhos são exemplos que retratam sua condição de precariedade e vulnerabilidade.

Devemos incentivar ações cotidianas que favoreçam o sentido de pertencimento e de protagonismo da velhice em nosso país. O que vi no velho continente só me deu a certeza de que é possível coexistirmos e compartilharmos essas experiências e vivências significativas. Como o personagem de Kundera, indicado na epígrafe, saúdo essa velhice atual que desponta presente, curiosa e participante.

Referências

DEBERT, G.G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 1999.

FREITAS, E. A população da Europa está envelhecendo. *Brasil Escola*. Disponível em <http://www.brasilecola.com/geografia/a-populacao-europa-esta-envelhecendo.htm>. Acesso em 26 de out. de 2015.

KUNDERA, M. *A festa da insignificância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LEBRÃO, M. L. O envelhecimento no Brasil: aspectos da transição demográfica e epidemiológica. *Saúde Coletiva*, vol.4 pp. 135-140. 2007.

TOURAINÉ, A. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes, 1999.

WEBER, M.. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: FERNANDES, F. (org.). *Comunidade e sociedade*. São Paulo: Biblioteca Universitária, 1973.

Data de recebimento: 12/12/2015; Data de aceite: 28/01/2016.

Maria Rita Rayel de Araújo - Pedagoga (European), Especialização em Gerontologia Social (Sedes Sapientiae) e Psicogerontologia (Instituto Gerações), Orientadora Pedagógica no Projeto Faça Memórias, mestranda em Gerontologia (PUC-SP). E-mail: maria.rita.araujo@globo.com.br

Ruth Gelehrter da Costa Lopes – Professora associada da PUCSP: Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, curso de Psicologia e supervisora da Clínica-escola “Ana Maria Poppovic” no Atendimento Psicoterapêutico a Idosos, em Grupo. E-mail: ruthgclopes@pucsp.br